



Recebe-se artigos e desenhos dirigidos á redacção do «Cabrião» no escriptorio da rua da Imperatriz n. 20. onde assigna-se e vende-se este jornal. O escriptorio está aberto aos Domingos, 2.^{as} e 5.^{as} feiras.

ANNO I.
N. 39
Publica-se aos domingos.

PARA A CAPITAL.		PARA A PROVINCIA.	
Trimestre . . .	5\$000	Trimestre . . .	6\$000
Semestre . . .	9\$000	Semestre . . .	11\$000
Anno . . .	17\$000	Anno . . .	19\$000

Avulsos 500 rs.—Pagamento adiantado.



—Lá se vae o 3.º trimestre, e Deus nobis hæc otia fecit, enquanto não chega o seguinte.—Se os assignantes não souberem avaliar meus esforços, é o mesmo: a quadra é dos ingratos, e não me fazem coisa que seja novidade. Afinal de contas o officio não é dos peiores, mesmo com esses e outros espinhos, porque desferro-me á longa na escovação da humanidade em geral, e dos meus mais caros amigos em particular.

CABRIÃO

SÃO PAULO 30 DE JUNHO DE 1867.

O «Cabrião» entra triumphante no quarto trimestre, que completa o seu primeiro anno de existencia.

Muito se tem elle divertido, e muito terá ainda que divertir-se.

E' desenganar; aquillo que nasce torto, tarde ou nunca se endereita. O mundo tinha de ser quadrado e fizeram-no redondo, d'ahi o reinado do absurdo.

Creia, o pacientissimo leitor, o panorama da sociedade actual offerece quadros, capazes de desafiar a attenção do homem mais «pedra» que por ahi se encontra.

Ha cada ratão, ha cada acontecimento, ha cada cousa, digna de um momento de observação e de uma boa salva de risos.

O «Cabrião» irá pondo em relevo o que achar digno do paladar dos seus queridos assignantes.

Rindo sempre, sem encavacar com as «trovoadas theatraes,» que lhe preparem por ahi, elle irá sommando a pcella dos acontecimentos com toda a pachorra e sem se affligir,

Devagar se vae ao longe.

O «Cabrião» tem pano para mangas. Na região da politica, nas alturas do poleiro, ha muito gallo que deve ser depenado para que a paz reine no gallinheiro.

Para a cousa ter graça elle começará a póda de cima para baixo guardando a devida proporção.

Ninguem se hade queixar, porque á todos será feita justiça inteira e imparcial, o que não succede a miudo por este mundo, com grave prejuizo de muita gente.

A guerra do Paráeuay, sorvedouro da riqueza nacional, enigma da actual situação, chuchadeira eterna de muita gente de gravata lavada, açougue dos pequenos, lambança dos grandes, merecerá especial attenção ao «Cabrião» que dirá sempre a verdade, embora chova raios.

Para encurtar razões e não amolar o publico, o «Cabrião» resume em duas palavras o que tem a dizer; e é:

Será eminentemente imparcial em suas apreciações, e respeitando o que deve ser respeitado, não deixará passar gato por lebre.

Aos seus assignantes, o «Cabrião» aperta-lhes a mão com amisade e reconhecimento, e pede-lhes que não deixem de coadjuval-o em tão pia e humanitaria cruzada.

A cousa tem sido e será para o bem de todos.

Gazetilha.

JA' DÃO LEIS.—Os ardilosos especuladores estrangeiros, de um e outro sexo, que vem entrando pelo Brasil a dentro com passos de raposa, sob a denominação de Barbadinhos, Lazaristas, Jesuitas, Irmãos de S. José, etc., etc., hão de dar inteira amostra de quanto prestão em breve praso.

O que tem feito os do Seminario é publico e notorio, na capital principalmente, e já tem á sua conta com cabedal de pratinhos para um libello accusatorio em regra.

As irmãzinhas de S. José de Itú, já estão sendo conhecidas, (aos olhos dos que não as conhecem á priori) pelo que se nota nas mocinhas que sahem de seu poder—tidas e havidas por completas em materia de educação moral, religiosa, intellectual, domestica e social.

Os santissimos, venerabilissimos, e refinadissimos padres jesuitas, aquartellados em Itú, e muito santamente aquartellados, não têm ficado atraz de seus irmãos de officio de um e outro sexo.

Um facto, sobre todos, denota e põe em completo relevo sua audacia: é o criminoso descaro com que estão a ensinar meninos, já arrebanhados em numero de vinte mais ou menos, sem a necessaria licença da Inspectoria Geral de Instrucção Publica, que até o presente e com muita sensatez, não lhes tem querido dar semelhante permissão!

Isto é veridico, sr. dr. inspector da instrucção publica. Os taes padres mestres estão dando leis em nossa terra, com criminosa e punivel affronta da lei, das autoridades, e do paiz.

E' preciso fazer-se respeitar, senhor dr. inspector.

E' urgente mandal-os processar e punir, senhor dr. chefe de policia.

Não consintão que a provincia julgue, que vv. ss. estão ou azeitados pelos jesuitas, ou coarctados e coagidos em suas terminantes attribuições pela jezuitissima alma do ministerio—Zacarias.

E' forçoso que sejam as leis terminantemente cumpridas á tal respeito.

Não é assim que se vae entregando a provincia e o seu fuluro á semelhante praga, cem vezes peor que a peste, a fome, a guerra, o cholera-morbus. o papel-moeda, e quejandos males imaginaveis.

ESTRADA DE FERRO.—E' notavel na capital a grande questão de saber-se o motivo porque os burros de cargas e carros de bois estão levando as lampas á estrada de ferro, no que toca ao transporte de productos de exportação e generos de importação.

Os mais atilades andão todos por ahi aterrados com a descoberta de que a via ferrea não dá para despesas, e que a provincia é quem está pagando o pato, e um pato de 500:000\$000!

Dizem, que a tramoia foi arranjada pela gente grossa lá dos mais altos andaimes da governança. Gente de dar e tomar, e de magnificos recursos em assumptos de fazer adquirir aos compadres. Barriugudos brahmines, que vivem em tranquilla e comoda panellinha emquanto o bonanchão do povo não resolve-se á cortar-lhes os andaimes á que andão agarrados.

O certo, em todo caso, é que os burros de carga estão dando sóta e basto á estrada de ferro e aos paulistas.

Não tardará muito o facto economico—de subirem de preço os quadrupedes muares da feira de Sorocaba, e na mesma proporção baixar o cambio das accões da nossa estrada de ferro em Londres! O contrario d'isto é que será um assombroso milagre.

Em vista do mal, o remedio é mandar-se fazer preces religiosas em todas as igrejas para que Deus inspire aos nossos homens do poleiro governamental, e estes resolvão-se a olhar um poucosinho cá para baixo com olhos de piedade.

A' não ser este, não encontramos outro conselho a dar aos bons paulistas.

RAPHAEL CRONER.— Está na terra este notabilissimo instrumentista; e com elle a sua famosa clarineta.

O artista e o instrumento percorrem o mundo no intuito de provar aos homens—que a clarineta não é instrumento chinez, segundo affirmou alguem.

Seja ou não o tal instrumento de origem chinesa, o certo é que a clarineta do sr. Croner é uma cousa diversissima do que ahi anda com semelhante nome, a imitar o famoso chiar dos paulistanos carros de eixo movel.

E' ouvir para crér, é ir ao concerto do famoso artista, todo aquelle que desejar a demonstração do que ahi fica exarado.

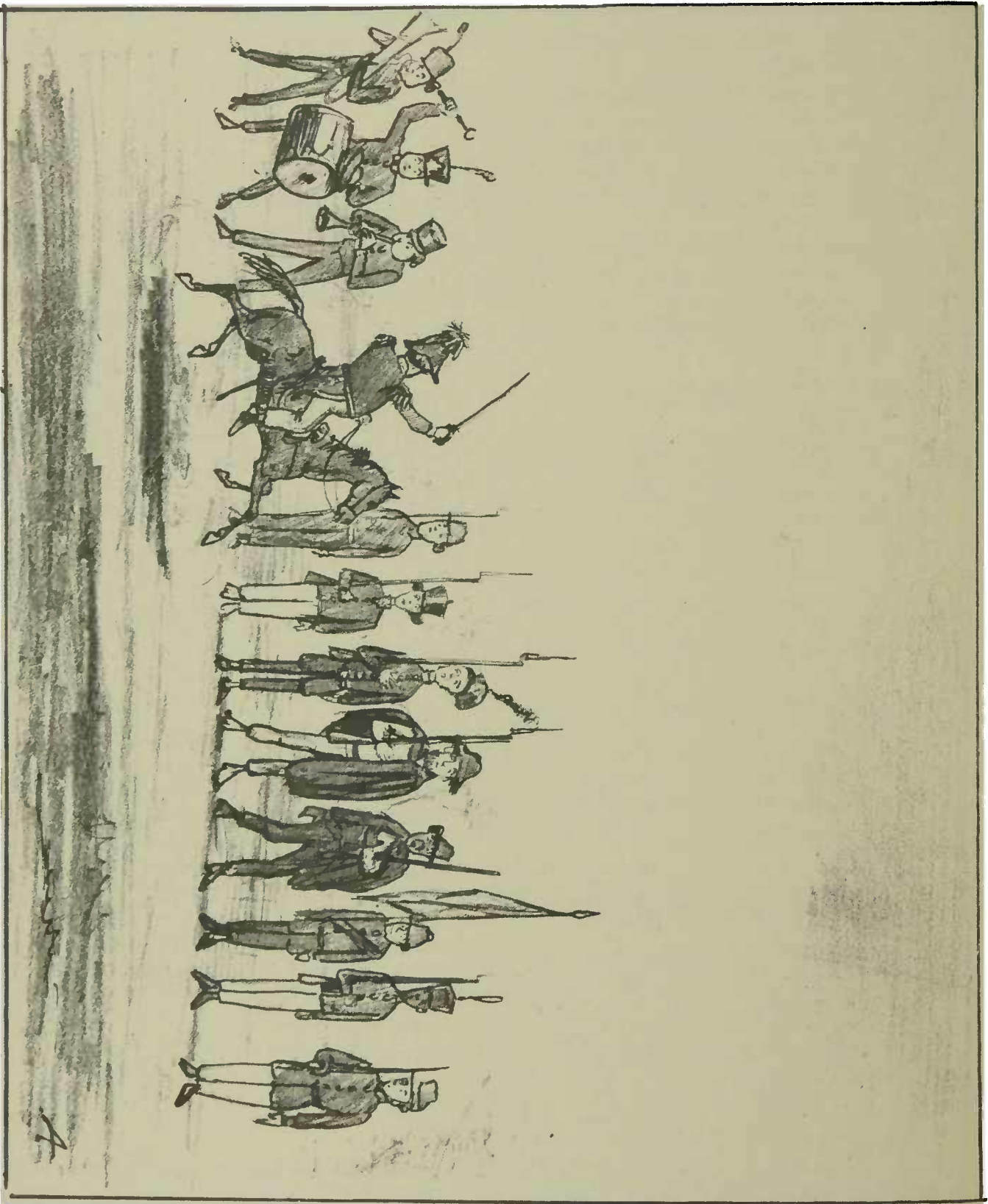
Quanto ao artista receba um sincero cumprimento do «Cabrião,» muito certo de que hade ser por elle ouvido e applaudido no seu proximo concerto.

LEMBRANÇA FELIZ.—Consta, que alguns membros da assembléa, assustados com a não costumeira mudez do seu collega T. Alvim, vão enviar á meza uma indicação, pedindo que o mesmo seu collega seja inspeccionado por uma junta medica áfim de fazer-se verificar se ha qualquer leção nos orgãos parlatorios daquele collega, outr'ora tão loquaz e hoje silencioso como um tu mulo.

A lembrança é feliz, mas é tardia.

Ha mais tempo devião ter empregado os meios proprios para utilisar em favor da provincia o referido e prestimoso cidadão.

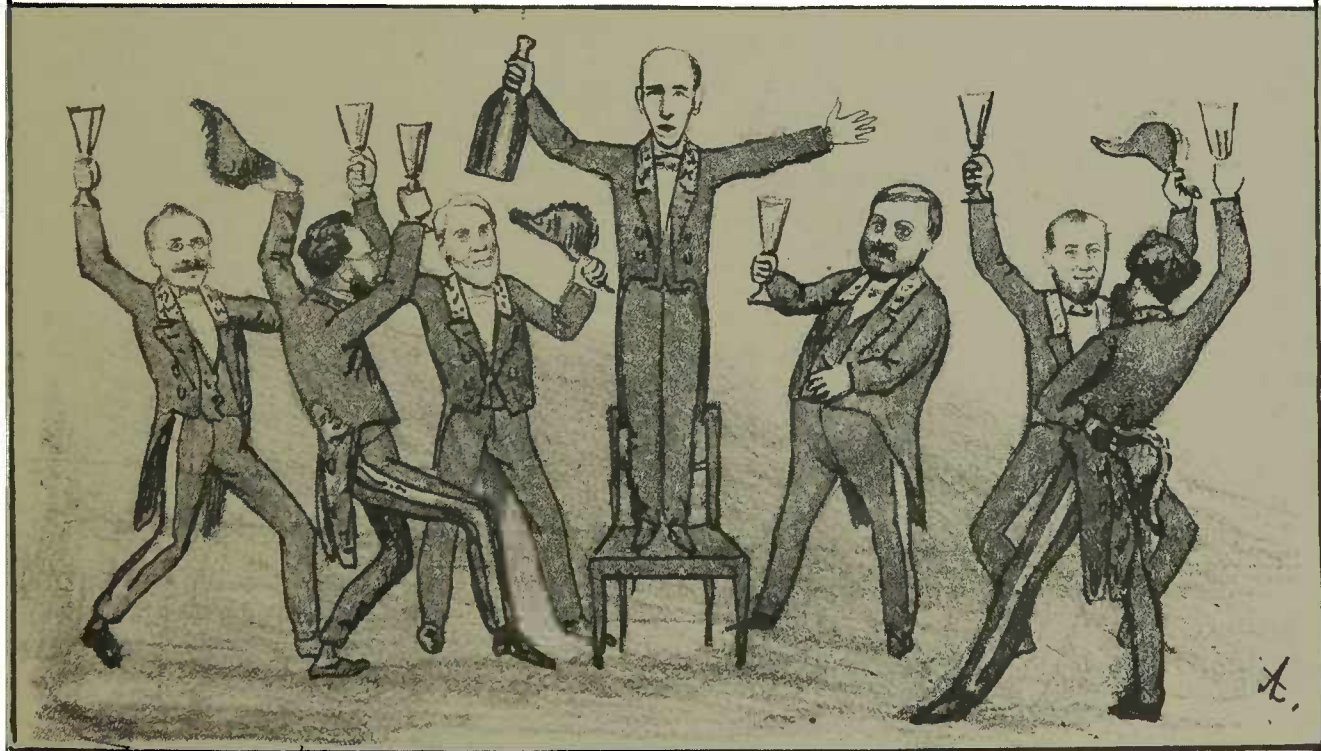
CHEFANÇA.— Dizem que a Chefança abalou-se para a córte á pretexto de dirigir-se ao Bananal em



Specimen das revistas da Guarda Nacional da Provincia, na actualidade.



—Não deve entrar aqui, senhor! Não preste ouvidos aos adulares palacianos! Lembre-se, que todas as illeg alidades commettidas em seu obsequio são lettras de cambio saccadas em favor dos odios populares e contra o seu futuro !...



—Bebamos, meus heroes ! festejemos a passagem do primeiro barranco, erguido contra nós á proposito da resposta á falla do throno. Esta garrafa é o meu sceptro por este quarto d'hora ; levantemos um brinde aos nossos capangas da camara, que tão galhardamente salvarão-nos do tombo!...
Vivão os capangas! Viva a panellinha! Viva o nosso futuro! Viva a conservação das pastas!...
hipp! hipp .. hourra!...

diligencia, mas que o seu fim é ficar por lá tomanço novos ares.

A Chefança parece não commungar com o emperamento do «El-Supremo» rompendo assim a solidariedade que o prende ao exm.º

Seja como fôr, o que desejamos é que Deos o conserve sempre longe de nós.

Cousas e lousas.

Era... não se póde dizer aonde, com receio de despertar a susceptibilidade da justiça. A casa onde se passou a scena ou antes drama que vamos descrever, era o que em certas terras de provincia se chama loja.

Treze pessoas estavam reunidas em uma sexta-feira . . . em uma especie de sala baixa forrada de sarga preta, toda cheia de emblemas mortuarios e cabalisticos, em perfis de prata. Duas grandes alampadas com vellas de cêra amarella, derramavão uma côr ecclesial sobre a scena que vou relatar. No meio da casa estava um objecto, bem imprevisto para a solemne austeridade d'aquelle lugar tão atterrador.

Era uma banheira cheia de agua morna. Oito personagens com dominós negros, com capuchos cahidos sobre o rosto, só com buracos para poderem vér, a imitação dos Jesuitas no Tribunal da Inquisição de Hespanha ou dos «Dez de Veneza» estavam assentados em roda. Levantou-se um pano de tapeçaria, e entrãõ quatro individuos tãobem com dominós, trazendo agarrado pelos braços e pernas um homem inteiramente nú. A trigessima personagem seguia conduzindo diversos objectos extranhos.

O homem estava por tudo, olhando com uma surpresa, já proxima do espanto, o terrivel expectaculo que o rodeava. Metterãõ-no na banheira sem que elle fizesse resistencia, porém estava muito palido.

Então uma das lugubres personagens levantou-se e disse :

—Foi-nos revelado por nossas mysteriosas correspondencias, que trahistes nossos segredos. Uma mulher imprudente te abriu o abysmo. Contaste-lhe

temerariamente o que se passo: aqui na ultima vez em que julgamos admittir um irmão no pavimento sagrado do templo, para comnosco chorar sobre o tumulo de Iram . . . Um terrivel castigo te espera ... vais soffrel-o!

—E voltando-se para as extranhas personagens, que tinhão trazido o corpo:

—Obrai, disse o juiz.

O paciente tornou-se livido.

—Coragem, lhe disse ao ouvido um dos presentes, vós tocaes a luz!

E logo se estendeu todo um apparelho de cirurgia incisiva d' aço polido.

Vendãrãõ-lhe os olhos com a extrema precaução que empregariãõ os incredulos com um sonambulo que devesse ler.

Feito isto, tirãrãõ da agua os dois braços e dois pés do paciente. Quatro picadas fortes forãõ dadas nas veias arteriaes.

O paciente deu um grito. Seus membros forãõ mergulhados n'agua; menos uma mão que ficou agarrada :

—Corre bem o sangue? perguntou uma voz.

—Muito bem, é expesso e negro . . .

—Damos conta da agonia! Disse outra voz

Tomavãõ o pulso ao paciente.

—As veias começãõ á esvasiar-se . . . as arterias vãõ cessar de bater o frio começa . . .

—A! disse o paciente.

—Coragem! lhe segredou ainda um dos assistentes.

—Então?—perguntou a voz aspera :

—A circulação pára . . a vida extingue-se . . . a morte aproxima-se . . .

O moribundo deu um suspiro convulsivo . . .

—Coragem! Coragem! repetio outra voz.

—Morto!! exclamou o operador deixando cahir o braço na banheira.

E elle tinha razão. O homem estava bem morto... Morto de medo, de um medo abafado pelo amor proprio.

Não se tratava senãõ de uma experiencia de recepção maçonica. O neophito só tinha sido picado com um palito . . . Não tinha perdido uma só gota de sangue.

Um usurario avarento intimou para comparecer na presença do juiz, á um estudante seu visinho, ao qual tinha sustentado um anno, com a condição de lhe pagar dez vezes a despesa do sustento. quando o estudante herdasse a fortuna de um tio velho e enfermo, de quem era unico herdeiro. Succedeu porém que, este tio que todos julgavão rico, quando morreu não deixou senão um espolio, cuja venda mal chegou para as despesas do enterro.

O agiota demandou pois o estudante por perdas e danos. Foi em vão que este lhe pedio espera, prometendo-lhe um completo desempenho da sua obrigação, logo que terminasse a carreira dos seus estudos, O agiota enfurecido pela sua mallograda especulação, exigia ou o prompto pagamento ou a prisão.

—Dizeis então, rompeu o juiz voltando-se para o autor, que este senhor vos deve o sustento de um anno?

—Saberá v. s. que elle á um anno não vive senão do cheiro da minha cosinha.

—Note sr. escrivão, continuou o juiz.

—E que prometendo-me dez vezes a importancia da somma que adiantei, nem esta mesma me póde pagar.

—Que abominação! exclamou o juiz.

O pobre estudante, confuso, tremia de vergonha e medo. O agiota esfregava as mãos, não duvidando já de uma sentença favoravel.

—Chegae cá acima, disse o juiz, ao agiota. Veção se o réo traz ahi no bolso algum dinheiro.

Um official de diligencias aproximou-se do manco, que com a cabeça baixa, derramava abundantes lagrimas, e dando-lhe volta ao lado, encontrou duas moedas de cobre que foi depositar na mão do juiz.

—Muito bem, proseguio este, voltando-se para o avarento, abaixae a cabeça; e tinindo-lhe com os dous cobres ao ouvido—ouvis?

—Perfeitamente.

—Estaes então pago, podeis ir em paz.

—Como, senhor? Não comprehendo....

—Declãraste que o réu viveu durante um anno do cheiro da vossa cosinha, e elle paga-vos esta divida com o tinir dos seus cobres. O som vale bem o cheiro.

O agiota retirou-se mordendo raivoso as unhas, e o estudante bemdizendo a sagacidade do juiz.

Pensamentos.

Para o deputado fazer uma boa figura no parlamento, e adquirir com facilidade a fama de orador amestrado, é mister ter na ponta da lingua os seguintes pensamentos e phrases, cujo emprego é de um effeito extraordinario.

«A Velha de Syracusa—Bode Expiatorio—Capitolio e Rocha Tarpeya—Forcas Caudinas—Ostracismo—Socrates e a Cicuta—Espada de Damocles—Espada de Breno—Prato de Lentilhas Scylla e Caribides—Calcanhar de Achilles—Dulce far niente

Parce sepultis—Teia de Penolope—Fio de Ariadne—Cavallo de Troya—Aparent rari nantes—Timo Danaos—Termopylas e Leonidas—Ganços do Capitolio—Novos Protheus—Azas de Icar.—Leito de Procusto—Orelhas do Rei Midas—Vaccas gordas e Vaccas magras—Inferno de Dante—Republica de Platão—Lãbyrintho de Creta—Boceta de Pandora—Campo de Agrammante—Delicias de Capua—Nó Gordio—Papoulas de Tarquinio—Gregos e Troyanos—Victoria das Urnas—O passado passado—Polypo—Bill de indemnidade—Estylos parlamentares—Corrente de emigração—O tonel das Danaides—Os gafanhotos do Egypto—A civilisação na China—Generos de recreio—Jardim das Hesperides—Deus Barriga—Thysica do thesouro—Animal de consumo—e o mais que fica no tinteiro.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Previne-se aos snrs. assignantes do «Cabrião» que está se effectuando a cobrança do terceiro trimestre.

Pedimos-lhes pois se dignem coadjuvar-nos com a indispensavel pontualidade no pagamento.

Lythotypo de H. Schroeder.



—Pois olhe, senhor Inverno, estimo sua chegada, e cordialmente desejo que demore-se aqui pelo acampamento : sua presença é desculpa magnífica á demora da batalha decisiva.

—Nada! nada! senhor Marquez; se me puzesse ás suas ordens, arriscava-me a ficar por aqui eternamente. Não me pilha !



—Se não fosse o matte, morria de cynismo! E' bem difficil esparar...eternamente! Ando a desconfiar que o Caxias deliberou vencer-me, não pelas armas, não pela fome e pelos horrores de um bloqueio em regra, mas pelo tédio, pela amolação, pelo aborrecimento! Hade ser curioso, mas pôde acontecer, que veja-me obrigado a dar parte de aborrecido, amoladissimo, etc., etc., pedindo a paz em consequencia, se o homem prosegue no systema.